

# Lúcia desconhecia a gravidez

Apesar de estar grávida de dois meses quando foi ao Hospital Regional da Asa Norte (Hran) em processo de aborto espontâneo, a empregada doméstica Lúcia de Jesus Santos, 23 anos, não sabia da gravidez.

Ela passou mal e foi levada ao hospital pelo namorado, o pedreiro Adão Salvador Gomes. Quando chegou, já tinha perdido o bebê.

Lúcia Santos ficou em uma sala de observação do hospital. “A outra Lúcia (Barbosa) chegou depois e ficou na cama ao meu lado”, diz.

Depois, Lúcia Santos foi para um quarto.

“Uma enfermeira entrou e perguntou se eu me chamava Lúcia

Barbosa. Resendi que eu também era Lúcia, mas que meu sobrenome não era aquele”, observa.

**Choro** — “A moça que confundiram comigo entrou no quarto chorando e dizendo que o bebê estava saindo. Ele nasceu vivo ali ao meu lado”, afirma.

A ginecologista Janice Valle não sabe quem colocou a ficha de Lúcia Barbosa sobre sua mesa enquanto examinava Lúcia Santos.

Se a ficha não tivesse sido colocada lá, Janice teria aberto uma ficha de atendimento para Lúcia Santos, que teria recebido a medicação normalmente.

“O hábito é que todas as fichas de pacientes que ainda serão chamados

fiquem em um escaninho, na porta do médico”, afirma Janice.

Ela viu o nome escrito no alto da ficha e perguntou para a moça que havia atendido se o nome dela era Lúcia, sem conferir o sobrenome.

Lúcia Santos teve a sorte de ter sido reavaliada pela médica Roseana Alencar e não ficou sem medicação.

Foi tratada e teve alta no dia seguinte.

Segundo o chefe da Unidade de Ginecologia do Hran, Paulo de Tarso Alves, Lúcia Barbosa, grávida de seis meses, muito provavelmente acabaria abortando o feto.

“Mas é inegável que a medicação trocada facilitou o aborto”, admite Paulo de Tarso.